

QUEBRANDO O SILÊNCIO



Viva em paz

Amor: solução para a violência doméstica

Paz e harmonia na família



A sociedade clama por ações contra a violência

Qual é a receita para que haja paz e harmonia na família? Como prevenir feridas físicas e emocionais causadas por abuso e violência? É possível perdoar um agressor? É imprescindível o perdão para restaurar a paz interior?

Pessoas de todos os países estariam dispostas a pagar um elevado preço para ter um pouco mais de harmonia no ambiente da família. A paz nos relacionamentos e o respeito à individualidade são tão necessários para a saúde emocional quanto é a água para o corpo.

O assassinato brutal da menina Isabella, 5 anos, cuja repercussão emocionou o Brasil e mostrou a vulnerabilidade do ser humano diante da frieza de pessoas sem coração, serve de alerta para as pessoas de bem. O fato é que o vó sem retorno de uma criança lançada impiedosamente pela janela de um apartamento na cidade de São Paulo, no dia 29 de março de 2008, será sempre lembrado como uma nódoa vergonhosa no podre tecido social.

Isabella virou símbolo maior do abuso a que uma criança está exposta. Ela representa a dor de milhares de crian-

ças, mulheres e idosos que são diariamente excluídos do círculo do amor. A escritora Lya Luft, no artigo “Menina quase morta, sozinha” (*Veja*, 30 de abril de 2008), lamentou a ausência de alguém “que a cobrisse de beijos e que a regasse de lágrimas”.

Como se vê, a violência não poupa classes sociais, faixa etária nem sexo. O mundo clama por ações contra o aumento da violência.

Por essa razão, a sociedade procura conter, por meio de leis, o avanço desse câncer que corrói a vida de muita gente. Além disso, quebrar o silêncio é uma arma disponível para todos os que desejam ajudar a sociedade na busca da paz.

Você tem em mãos a revista *Quebrando o Silêncio*, que oferece orientações para pais, educadores e todas as pessoas de bem que sentem a responsabilidade de resgatar os valores cristãos do amor e do respeito ao próximo, com o propósito de promover a paz para um mundo melhor. ❖

Wiliane Steiner Marroni é coordenadora do projeto *Quebrando o Silêncio* na América do Sul.

Sumário

“Embora o Brasil tenha uma vasta legislação visando a proteger a criança, a mulher e o idoso, é necessário que todo cidadão faça sua parte.”

Massami Uyeda

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Seções

2 Editorial

6 Entrevista

Artigos

4 Dados sombrios

8 Paz para um mundo melhor

13 Aspectos jurídicos da violência contra a criança, a mulher e o idoso

16 A negligência social do idoso

20 Desenvolvimento da criança

22 Terreno perigoso

25 Em busca de ajuda

26 Família: facilitadora da interiorização de valores

30 Violência e perdão

34 Adolescente realizava projeto em abrigo para idosos



Aluésio



Edição Especial • 2008/2009

Editor: Rubens Lessa

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Projeto Gráfico: Levi Gruber

Capa: Eduardo Olszewki



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia Estadual SP 127, km 106

Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, SP

Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900

Serviço de Atendimento ao Cliente:

(15) 3205-8888

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Gerente de Produção: Reiser Martins

Gerente de Vendas: João Vicente Pereyra

Foto de Capa: William de Moraes

Visite o nosso site: www.cpb.com.br

E-mails:

Redação: redcpb@cpb.com.br

Atendimento ao cliente: sac@cpb.com.br



Sinais dos Tempos:

Marca Registrada no Instituto

Nacional de Propriedade

Industrial. Todos os direitos

reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

175.000 exemplares.

11589/20799

Dados sombrios

A população mundial está envelhecendo de forma progressiva. O Brasil não é exceção. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem aproximadamente 18 milhões de idosos (com idade superior a 60 anos), o equivalente a cerca de 10% da população.

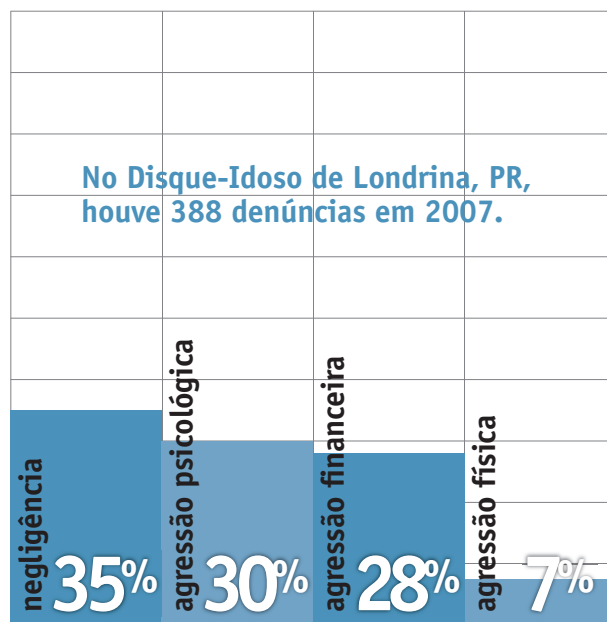
Esse é um número representativo, mas não o suficiente para garantir o respeito que a terceira idade merece. Ao contrário: segundo pesquisa da Universidade Católica de Brasília (UCB), 12% dos idosos entre 60 e 80 anos vivem algum tipo de violência no Brasil, seja física, psicológica ou

A violência contra grupos fragilizados toma conta do país. Confira alguns dados alarmantes

até mesmo financeira (bens e dinheiro usurpados). O estudo, que abrangeu as 27 capitais brasileiras, registrou mais de 60 mil denúncias apenas em 2005, sendo que 16 mil delas aconteceram dentro de casa.

Em todos os casos, aliás, as maiores vítimas são as mulheres, com 60% das agressões. Outro estudo, feito pela Fundação Perseu Abramo, revelou que 89% dos idosos agredidos não passaram do ensino fundamental e 49% são analfabetos funcionais.

O mais assustador é o perfil do agressor. Conforme a pesquisa da Universidade Católica, 54% dos atos violentos no Brasil são praticados pelos filhos do sexo masculino. Mas esses números variam conforme a região. De acordo com a Delegacia de Proteção ao Idoso do Estado de São Paulo, os índices caem para 39,6% – ainda assim, são dígitos altíssimos. Em São Paulo, os outros agressores seriam os vizinhos (20,3%) e demais familiares (9,3%).



William de Moraes

Outro dado relevante é o crescimento vertiginoso do número de denúncias. No Paraná, por exemplo, de 2005 a 2006, os registros pularam de 446 para 1.169, segundo o serviço Disque-Idoso. Só em Londrina, a segunda maior cidade do Estado, houve 388 denúncias no decorrer do ano, o equivalente a 33%. A principal delas foi a negligência (35% dos casos), seguida de agressão psicológica (30%), financeira (28%) e física (7%).

Na cidade do Rio de Janeiro, as ocorrências cresceram 40,3% em cinco anos, de acordo com o Instituto de Segurança Pública (ISP). Com 14% de sua população acima dos 60 anos, a capital fluminense responde por 55% das ocorrências em todo o Estado. Conforme a pesquisa, os agressores são parentes, amigos ou companheiros da vítima, e a maior parte dos casos acontece dentro de sua própria casa.

O abuso financeiro e físico são mais frequentes na faixa etária de 60 a 69 anos, enquanto os maus-tratos e a negligência são mais comuns para com idosos de 70 a 79 anos.

Esse aumento do número de denúncias não significa que tenha crescido o problema da violência contra a terceira idade. Na verdade, os dados revelam que aumentou o número de pessoas que procuram ajuda e tentam solucionar o problema. A população, hoje, tem mais segurança e confiança nas autoridades e órgãos responsáveis e coragem para delatar as situações de violência. Isso, porém, não quer dizer que os números não sejam alarmantes e, menos ainda, que devemos ficar de braços cruzados diante de tamanha desumanidade e violência. ❖

Fernando Torres é jornalista.

Inocência roubada

Os idosos não são os únicos a sofrerem com a violência e a opressão. Crianças e mulheres também são vítimas da crueldade. Veja alguns exemplos:

Crianças

Em São Luís (MA), uma pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal do Maranhão revelou que 85% das crianças da periferia da cidade sofrem com a violência em casa, como maus-tratos, abuso físico, psicológico e sexual, além da negligência no tratamento de doenças.

Os casos de violência não se restringem às capitais. O Conselho Tutelar de Luziânia (GO), a 58 km de Brasília, registrou 700 denúncias de violência sexual contra crianças em 2007, incluindo assédio, atentado violento ao pudor e, por fim, estupros (pelo menos 60 dos casos).

Como no caso dos idosos, o número de denúncias de violência contra crianças aumentou muito nos últimos anos. Em 2007, o crescimento foi de 80% em relação a 2006. A média diária passou de 38 denúncias para 68, sendo que o maior número veio do Estado de São Paulo, com 3.081 casos, seguido pela Bahia, com 2.547, e Minas Gerais, com 2.292.

Mulheres



Em algumas cidades, a violência contra a mulher está entre os crimes mais cometidos. É o caso do Recife, PE, onde o abuso contra mulheres ficou em quarto lugar no ranking da violência em 2007, com 373 ocorrências registradas, o equivalente a 12% de um total de 3.101 denúncias. Para se ter uma idéia, segundo o Ministério Público de Pernambuco (MPPE), a violência contra a mulher fica atrás das delatações de furto (8,9%) e homicídio (8,1%), e inclui lesões corporais, ameaças, tentativa e consumação de homicídio. E mais: só nos dois primeiros meses de 2008, os registros de violência doméstica bateram na marca de 103 denúncias na capital pernambucana.

Uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo (FPA), feita com 2.500 mulheres, é reveladora para esse assunto. De acordo com o estudo, 19% já sofreram algum tipo de violência e 43% são vítimas da violência sexista. Dessas últimas, 33% foram violentadas fisicamente (ameaças – 23%; agressão – 22%; estupro – 13%).

Ainda de acordo com a FPA, 20% das mulheres entrevistadas dizem ter sido agredidas com tapas e empurrões leves e 18% sofrem violência psicológica, manifestada na forma de xingamentos e ofensas morais. Além disso, 15% delas vivem em estado de ameaça, tendo objetos atirados sobre elas e roupas rasgadas.



É preciso quebrar o silêncio

Com uma profícua carreira em defesa das leis, Massami Uyeda, Ministro do Superior Tribunal de Justiça desde 14 de junho de 2006, afirma que os números da violência são indicadores do nível educacional do Brasil. Ele atribui o problema da violência à falta de uma estrutura familiar adequada.

Nascido em Lins, SP, o doutor Uyeda foi – para citar apenas algumas de suas elevadas funções – Advogado, Membro do Ministério Público do Estado de São Paulo, Juiz de Direito, Presidente do Colégio Recursal da Capital e Desembargador do Tribunal de Justiça.

Bacharel em Direito (1966), Mestre em Direito (1988) e Doutor em Direito (1994) pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), o ministro Uyeda é diplomado em Direito Comunitário Europeu pela Escola de Magistratura Francesa (1997) e autor das seguintes obras, entre outras: *Da Desistência da Desapropriação* (Editora Juruá, Curitiba); *Da Competência em Matéria Administrativa* (Editora Ícone, São Paulo); *Da Função Pública e sua Litigiosidade no Direito Comunitário Europeu* (Editora Juarez de Oliveira, São Paulo).

Casado com Emico Uyeda, tem dois filhos: Massami Uyeda Junior e Mariana Uyeda Ogawa.

Nesta entrevista concedida à jornalista Márcia Raposo Ebinger, o ministro Uyeda afirma que, embora o Brasil tenha uma vasta legislação visando a proteger a criança, a mulher e o idoso, é necessário que todo cidadão faça sua parte.

O que os números indicam sobre a violência doméstica no Brasil?

Ministro Massami Uyeda: Os números são indicadores do nível educacional do próprio país. Relaciono o problema da violência em família à falta de uma estrutura familiar bem adequada. Essa estrutura passa, inevitavelmente, pelo saber, pelo conhecimento. Educação que não significa apenas alfabetização, não significa obter informações, mas sim “formação”. Nesse sentido, as autoridades governamentais, os Ministérios da Educação, Saúde, Justiça, Assistência

Ministro do Superior Tribunal de Justiça fala sobre violência doméstica



Social, todos estão procurando encontrar soluções viáveis para um país de dimensões continentais, como é o Brasil. Convivendo, na área jurídica, com os dramas que estão por trás das questões da violência doméstica, já fui advogado, promotor público, juiz e, agora, como ministro do Superior Tribunal de Justiça, o conhecimento que tenho me faz prognosticar que, apesar das imensas dificuldades, estamos caminhando para um futuro mais promissor.

Quais são as atribuições dos Conselhos Tutelares e dos Juizados? Quando devem ser procurados?

Os Conselhos Tutelares e os Juizados de Menores que cuidam da infância e da juventude são órgãos do próprio governo. O juizado é uma instituição agregada ao poder judiciário e, no caso do conselho, há uma mescla de participação pública e privada. Encontramos a participação dos poderes executivo, legislativo e judiciário, além do Ministério Público. Esses organismos serviriam para uma orientação em caso de desequilíbrio dessas relações. Tive a oportunidade de ser juiz de menores em São Paulo. No Juizado de Menores, tínhamos uma divisão bem nítida de atividades: a questão da marginalização dos pequenos infratores, menores de 18 anos, e a questão da orientação, guarda de menores, visitas e soluções imediatas.

Qual é o momento de uma pessoa procurar ajuda?

A campanha da Igreja Adventista diz: “Quebrando o Silêncio”. É exatamente aí que começa o processo. Muitas vezes, o vizinho acompanha uma situação de violência e conflito no seio de um lar. Na maior parte das vezes, os casos são levados ao conhecimento das autoridades por pessoas que estão do lado de fora. Isso implica no fato de que todos nós devemos ser solidários e não nos recolhemos dizendo que é um problema que não nos afeta. Muitas situações foram resolvidas exatamente pela comunicação de terceiros sobre irregularidades ocorridas em uma família.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é prova de que a violência está em toda parte. Há alguma iniciativa internacional que tenha afetado esse tema?

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, que consta da carta da ONU (1948), é um dos grandes marcos referenciais da humanidade. Essa declaração é filha da declaração dos direitos do homem elaborada em 1789, na França, que, por sua vez, é co-irmã da declaração dos direitos de Filadélfia, elaborados em 1776. É real esse conceito de que a violência não se circunscreve aos limites territoriais sul-americanos. A violência é um fato histórico, cultural, e a Bíblia apresenta exemplos de discórdia, como ocorreu com Caim e Abel. O Livro Sagrado apresenta também os efeitos dessa falta de sintonia. É um dos maiores documentos da humanidade e apresenta a dimensão do ser humano, com suas elevações e também com suas profundas crises de comportamento. É isso que caracteriza o ser humano, não importa em que país ele habite.

Com todo esse amparo legal, por que as vítimas da violência, em muitos casos, não se manifestam?

Alguns fatores provocam esse “silêncio”: o aspecto cultural, totalmente equivocado, que afirma que a mulher é inferior; dependência econômica; ênfase na idéia de que, por ser mais forte, o homem pode fazer o que quiser; medo de represália (inclusive da própria sociedade, que aponta a vítima como causadora da situação). Para que crimes – como os de natureza sexual – sejam denunciados, é preciso que a vítima demonstre vontade de denunciar. O que acontece, porém, é que muitas vezes o prejuízo da divulgação é maior que a própria lesão sofrida. Isso precisa ser alterado, mas essa alteração decorre de uma mudança de comportamento, da valorização do ser humano, e a consciência de que nosso semelhante tem a mesma expectativa que temos de ser feliz. Aqui está a chave para uma convivência harmoniosa: ter consciência dos limites dos meus direitos e dos limites dos direitos do meu semelhante.

A violência começa na família?

O agressor, aquele que agride seres indefesos, vem de uma família. Uma criança sem limites, sem amor, sem valores sócio-culturais, que vive em um ambiente de constante conflito, vai se transformar em agressor.

Como o senhor vê a realização, por parte da Igreja Adventista, de uma campanha anual voltada para o tema da violência doméstica?

Existe silêncio que cria e silêncio que destrói. “Quebrando o Silêncio” é uma iniciativa que vai mexer com o imobilismo de pessoas que acham que nada pode melhorar. Essa campanha é uma demonstração de que a Igreja Adventista se preocupa com o ser humano, com os semelhantes e procura encontrar soluções para minimizar o drama que essas pessoas e a sociedade estão vivendo. Quando se fala em vítima de agressão, não se está falando de uma só pessoa, mas da própria sociedade. Uma criança agredida, uma mulher violentada e um idoso desrespeitado são demonstrações práticas de que o corpo social está fraco e desestruturado, e isso não interessa a ninguém. Essa iniciativa deve ser saudada com muita ênfase. No meu gabinete, tenho um painel que adquiri na biblioteca da suprema corte americana, onde estive para estudos em 1997, que diz que daqui a cem anos não terá importância a marca do carro que eu dirigia, ou a casa em que eu vivia, quanto tinha na minha conta corrente, nem as roupas de marca que vesti. O que será importante é o que eu possa ter representado de relevante na vida de uma criança. O exemplo produz resultados.

A campanha ajuda vítimas de violência e dá dicas de prevenção. A prevenção é um bom caminho?

Como diz o ditado popular, “prevenir é melhor do que remediar”. É sempre adequado tomar cautelas antes de enfrentarmos problemas. Uma boa forma de prevenção é essa campanha de esclarecimento, feita em núcleos menores e passada para núcleos maiores. Além disso, é de importância fundamental o exemplo dos pais, que desempenham papel preponderante na formação dos seus filhos. Crianças com parâmetros deformados sempre terão uma visão distorcida da realidade. A prevenção engloba orientação, esclarecimentos e encaminhamento.

O que cada cidadão pode fazer para ajudar no combate à violência doméstica?

John Kennedy, quando foi eleito presidente dos Estados Unidos, declarou: “Não espere que o governo faça, mas veja o que você pode fazer em prol da sociedade.” A ação governamental, os ministérios, institutos, estão todos envolvidos, mas não basta isso – é necessária a adesão de cada um dos integrantes do corpo social, com a conscientização de que temos um problema em comum. ❖

Paz para um mundo melhor

“Toda pessoa tem direito de desfrutar paz e uma vida livre de violência, tanto no âmbito público quanto no privado. Ninguém será submetido a torturas nem a tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.”¹ Essas palavras fazem parte de um documento complementar editado pelo Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM).

Não faltam leis bem embasadas nem declarações solenes visando à proteção da criança, da mulher e do idoso. Contudo, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso psicológico ainda continuam arruinando a vida de milhões e milhões de pessoas. Existe uma guerra abafada no âmbito da família, e poucas pessoas ousam quebrar o silêncio imposto pelos agressores.

Distribuição da violência – Viver em sociedade “foi sempre um viver violento.”² Mas, hoje, o risco é muitas vezes maior. As estatísticas sobre violência doméstica são preocupantes, embora representem apenas “a ponta do iceberg”, de acordo com a Anistia Internacional.

Em 2006, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) revelou que, num ano recente, 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos abaixo de 18 anos foram “forçados a manter relações sexuais ou sofreram outras formas de violência sexual”. Pesquisa feita em 21 países mostrou que, em certos lugares, até 36% das mulheres e 29% dos homens tinham sido vítimas de alguma forma de abuso sexual na infância. Mais chocante ainda: os agressores, em sua maioria, eram parentes da criança.

A violência doméstica, na opinião de V. Guerra, é retratada da seguinte maneira: violência interpessoal; abuso do poder disciplinador e coercitivo dos pais ou responsáveis; processo de vitimização que, às vezes, se prolonga por vários meses e até anos; imposição de maus-tratos à vítima, de sua completa objetualização e sujeição; forma de violação dos direitos humanos fundamentais como a vida,

É preciso quebrar o silêncio imposto pelos agressores no ambiente da família

a liberdade, a segurança; pertence à esfera do privado... acaba se revestindo da tradicional característica do sigilo.³

No interessante livro *As faces da violência* (VETOR, 2007), Cláudio G. Capitão e Rita A. Romaro citam resultados de uma pesquisa feita em sete dos vinte Conselhos Tutelares da cidade de São Paulo.⁴ Em 305 casos analisados, a distribuição das modalidades de violência doméstica ficou assim:



Essa distribuição pode variar de lugar para lugar, tanto no Brasil quanto em outros países, mas os dados são sempre inquietantes.

Estatísticas – Toda busca por números, seja em livros, revistas e sites, esbarra num problema: os casos registrados de abusos ficam muito abaixo da realidade. Isso tem uma explicação: imposição do silêncio pelo abusador. O medo causado pelas ameaças cria um muro aparentemente intransponível. Por isso, Pierre Mezinski adverte: “Emparedar-se no silêncio não é uma solução: pelo contrário, é o melhor modo de se sentir cada vez mais isolado e excluído pelos outros, que, justamente, ‘não sabem’. É também o melhor meio de prolongar o ciclo infernal da violência, pois o agressor impune não tem nenhuma razão para deixar de agredir.”⁵ De acordo com Ana Rita Fonseca e Cláudio G. Capitão, “as crianças são levadas a acreditar que aquilo que acontece durante o abuso é um segredo entre elas e o abusador.”⁶

No mundo, uma em cada três mulheres sofre algum tipo de violência durante sua vida, de acordo com estimativa da Anistia Internacional. No Brasil, uma mulher é agredida a cada 15 segundos; nos Estados Unidos, uma a cada 90 segundos. Nesse poderoso país, 680 mil mulheres são estupradas e 200 mil crianças são abusadas sexualmente a cada ano.

No mundo, entre 25 e 50% das mulheres sobreviventes da violência sexual são afetadas por alguma doença sexualmente transmissível (DST).

Cerca de 70% dos incidentes de violência acontecem dentro de casa, sendo o agressor o próprio marido ou companheiro. Mais de 40% das violências resultam em lesões corporais graves, decorrentes de socos, tapas, chutes, amarramentos, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos.

(Fontes: www.ipas.org.br / www.violenciamulher.org.br)

A ONU afirma que 20% das mulheres sofrem abuso sexual no mundo. Uma em cada cinco é vítima antes de completar 15 anos de idade. “Isso leva a nefastas conseqüências no campo da saúde em anos subseqüentes”, disse Margaret Chan, diretora da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ela acrescenta: “A violência exercida pelo companheiro sexual é a forma de violência mais difundida na vida das mulheres, mais que as agressões ou estupros cometidos por estranhos.” A Organização das Nações Unidas (ONU) define a violência contra a mulher como “qualquer ato de violência baseado na diferença de gênero, que resulte em sofrimentos e danos físicos, sexuais e psicológicos

da mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade, seja na vida pública ou privada.”

Segundo o site da BBC, as mulheres da América Latina, principalmente as brasileiras e argentinas, são as que mais sofrem crimes sexuais no mundo. Pesquisadores da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) analisaram 8.600 prontuários de mulheres atendidas em três hospitais de referência na capital paulista, concluindo que, entre 1998 e 2003, apenas 10% das vítimas de violência sexual prestaram queixa à polícia.



Crianças. Dezoito mil crianças são vítimas de violência doméstica por dia, no Brasil. Os dados apresentados pela Sociedade Internacional de Prevenção ao Abuso e Negligência na Infância (Sipani) representam 12% dos 55,6 milhões de crianças abaixo de 14 anos. A Unicef revela que 80% das agressões físicas contra crianças e adolescentes são praticadas por parentes próximos. A mãe é responsável por cerca de 70% das agressões físicas. Já o abuso sexual é praticado pelo pai, padrasto ou tio.

No Brasil, 40% dos abusos ocorrem com violência física, sendo que 76% das vítimas de abuso sexual são meninas, 37% das quais têm menos de 11 anos de idade (Relatório Abrapia).

Idosos. Há no mundo 600 milhões de idosos e estima-se que esse número poderá chegar a 2 bilhões em quatro décadas, disse Perly Cipriano, subsecretário de Promoção dos Direitos Humanos da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH), durante a 1ª Conferência Nacional do Idoso, realizada em 2007, no Brasil. Preocupado com isso, ele afirmou que “a velhice é uma conquista que precisa ser acrescida de qualidade de vida”.

Hoje, o Brasil tem 18 milhões de idosos e 12% deles sofrem algum tipo de violência. Os agressores, em sua maioria, são os próprios filhos e as vítimas são mulheres. Somente em 2005, foram registradas mais de 60 mil denúncias de violência contra idosos nas 27 capitais do país. Esses dados são resultado de uma pesquisa da Universidade Católica de Brasília, tendo sido divulgados no dia 13 de junho de 2007, durante um seminário.

Os tipos de abuso contra idosos são: violência física, abandono, violência financeira e violência psicológica. As mulheres idosas sofrem mais violência que os homens. Além de ferir os direitos humanos, “a questão da violência e acidentes com pessoas idosas traz grande impacto para os custos da saúde pública”, disse Marta Maria Alves da Silva, coordenadora do Programa de Prevenção à Violência.

Preconceito e falta de respeito são a maior forma de violência. Durante o seminário mencionado acima, um dos idosos entrevistados afirmou: “Respeito é mais importante que comer e beber.”

Tipos de violência – Annecy Tojeiro Giordani afirma que “a violência doméstica vitima homens e mulheres em diferentes fases de sua vida,” mas ressalta que “em quase 95% dos casos de violência doméstica no Brasil o homem é o ofensor, inclusive de mulheres grávidas.”⁷ Ela também informa que, na Bolívia, 98,4% das vítimas são mulheres.

No Chile, de acordo com estatísticas policiais, o homem é o principal ofensor. Esse quadro não se altera muito ao redor do mundo.



Violência física. Ação ou omissão que ponha em risco a integridade de uma pessoa ou lhe cause dano. Uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas evidentes. Lesões: hematomas e esquimoses; marcas freqüentes em braços, pernas, cabeça, abdômen, tórax e pescoço; queimaduras; marcas de cigarros; traumas ósseos.

Durante a análise das lesões, compete aos especialistas fazer a diferença entre ferimentos acidentais e ferimentos intencionais.

Violência sexual. Ação que força uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chan-

tagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal. (Fonte: Unifem.) Todo ato, jogo ou relação sexual, heterossexual ou homossexual, com ou sem contato físico, envolvendo uma ou mais crianças/adolescentes e um ou mais adultos, com a finalidade exclusiva de estimular prazer no(s) adulto(s), como carícias, exibicionismo, voyeurismo e abusos.⁸

Violência psicológica. É caracterizada por rejeição, deprecição, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. Ação ou omissão com o objetivo de degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação,



da Criança

1. Todas as crianças são iguais e têm os mesmos direitos, não importa a sua cor, raça, sexo, religião, origem social ou nacionalidade.
2. Toda criança deve ser protegida pela família, pela sociedade e pelo Estado, para que possa se desenvolver física e intelectualmente.
3. Toda criança tem direito a um nome e a uma nacionalidade.
4. Toda criança tem direito à alimentação e a atendimento médico antes e depois de seu nascimento. Esse direito também se aplica a sua mãe.
5. As crianças portadoras de dificuldades especiais, físicas ou mentais, têm direito a educação e cuidados especiais.
6. Toda criança tem direito ao amor e à compreensão dos pais e da sociedade.
7. Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer.
8. Toda criança tem direito de ser socorrida em primeiro lugar, em caso de acidentes ou catástrofes.
9. Toda criança deve ser protegida contra o abandono e a exploração no trabalho.
10. Toda criança tem direito de crescer em ambiente de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.

Fonte: Almanaque Recreio (São Paulo: Editora Abril, 2003), p. 87.



da Mulher

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), são direitos das mulheres:

1. Direito à vida.
2. Direito à liberdade e à segurança pessoal.
3. Direito à igualdade e a estar livre de todas as formas de discriminação.
4. Direito à liberdade de pensamento.
5. Direito à informação e à educação.
6. Direito à privacidade.
7. Direito à saúde e à proteção desta.
8. Direito a construir relacionamento conjugal e a planejar sua família.
9. Direito a decidir ter ou não ter filhos e quando tê-los.
10. Direito aos benefícios do progresso científico.
11. Direito à liberdade de reunião e participação política
12. Direito a não ser submetida a torturas e maus-tratos.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_da_Mulher

Declaração de Direitos

do Idoso

1. O idoso tem direito à vida.
2. O idoso tem direito ao respeito.
3. O idoso tem direito ao atendimento de suas necessidades básicas.
4. O idoso tem direito à saúde.
5. O idoso tem direito à educação.
6. O idoso tem direito à moradia.
7. O idoso tem direito à justiça.
8. O idoso tem direito ao transporte.



manipulação, ameaça direta ou indireta, ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à determinação ou ao desenvolvimento pessoal.

“A violência psicológica é difícil de ser identificada devido à ausência de marcas visíveis diante de nossos olhos.”⁹ Ricardo de Moraes Cabeção, conhecido advogado, é enfático: “A violência física ou psicológica contra crianças e adolescentes é covarde. Se fica um hematoma, a vítima nem sai de casa.”¹⁰

Quebrando o silêncio – Abusos praticados no recesso do ambiente familiar são uma guerra silenciosa e dissimulada que deixa marcas para o resto da vida. É incontável a legião dos que ficam com seqüelas físicas e psicológicas. Revolta, ressentimento, insegurança e baixa auto-estima constituem o saldo de milhões e milhões de pessoas que não sabem o que é viver com dignidade. Sem afeto, amor e aceitação, a maioria fica incapacitada para desenvolver relacionamentos saudáveis. E o ciclo se repete, alimentando a cadeia da violência.

É preciso quebrar o silêncio imposto pelos agressores. Como já afirmamos no início deste artigo, não faltam leis. O artigo 227 da Constituição Federal Brasileira de 1988 diz: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência

familiar e comunitária, além de colocá-los [membros da família] a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Todos os níveis de autoridade precisam envolver-se na salvaguarda da integridade física, moral e psicológica dos membros da família. É preciso investir em educação, em políticas sociais de resultados duradouros e em cristianismo prático. Não se deve permitir que a cultura relativista da sociedade contemporânea jogue por terra os valores morais e éticos.

Amor, tolerância, paciência e respeito constituem a receita para uma família sólida, pacífica e acolhedora. Ao Estado compete o cumprimento das leis que visam à proteção da criança, da mulher e do idoso. Só assim haverá a paz com que todos sonhamos. Paz para um mundo melhor. ❖

Rubens Lessa, jornalista e escritor, é redator-chefe da Casa Publicadora Brasileira.

Referências

1. Citado por Anney Tojeiro Giordani em *Violências contra a mulher* (São Caetano do Sul: Yendes Editora Ltda., 2006), p. 128.
2. N. Odalia, *O que é violência* (São Paulo: Brasiliense, 1983), p. 13.
3. V. N. A. Guerra, *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada* (São Paulo: Cortez, 1998), p. 32.
4. Rita A. Romaro e Cláudio G. Capitão, *As faces da violência* (São Paulo: VETOR Editora, 2007), p. 123.
5. Pierre Mezinski, *As faces da violência: como enfrentar a agressividade* (São Paulo: Editora Ática, 2007), p. 92.
6. Ana Rita Fonseca e Cláudio G. Capitão, *As faces da violência*, p. 177.
7. Anney Tojeiro Giordani, *Op. Cit.*, p. 181.
8. Marina Rezende Bazon, “Um muro de silêncio que você pode derrubar”, *Nova Escola* (São Paulo: Editora Abril S. A., dezembro de 2007), p. 3.
9. Katia R. Tanaka e Rita A. Romaro, *As faces da violência*, p. 254.
10. Ricardo de Moraes Cabeção, “Lei prevê multa para quem não denuncia”, *Nova Escola*, p. 5.

Tenha em sua casa a melhor seleção de receitas saudáveis e saborosas à base de soja



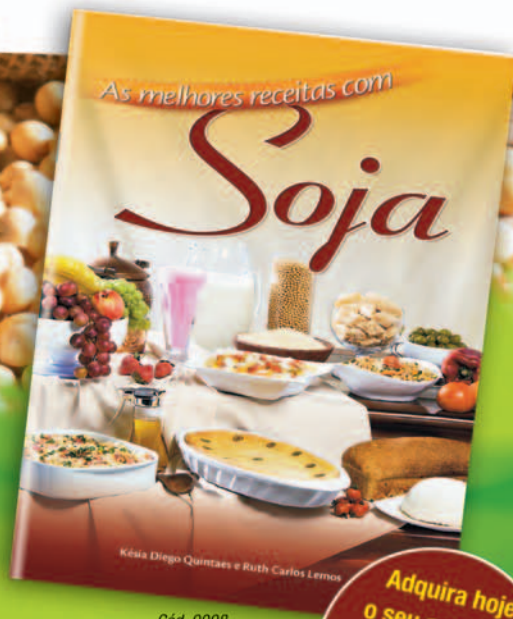
Cód. 7024



Cód. 7347



Cód. 8482



Cód. 9098

Adquira também **As Melhores Receitas de Vida e Saúde**.

Uma seleção com as melhores receitas já publicadas na revista, divididas em 3 livros ricamente ilustrados. Trazem para você pratos saudáveis e fáceis de preparar dentro do regime ovolactovegetariano.

Volume 1 – Pratos Diversos (espiral ou grampeado)

Volume 2 – Assados e Tortas (grampeado)

Volume 3 – Pratos Diversos (grampeado)

Além de conhecer mais sobre esse grão maravilhoso, rico em proteínas, minerais e outros nutrientes, você vai ver como é fácil manuseá-lo em sua cozinha e preparar receitas deliciosas. Aprenderá a fazer pratos com o grão de soja natural e com proteína texturizada, incluindo sobremesas. São mais de 90 receitas testadas e aprovadas. Cód. 9098

Para adquirir ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br, faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das Lojas da CASA.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



Adquira hoje seu e garanta uma vida mais saudável pra você e sua família

Aspectos jurídicos da violência contra a criança, a mulher e o idoso

O Estado pode punir os crimes de violência, mas somente a família e a religião podem agir na raiz do problema

A criança, a mulher e o idoso têm características peculiares. Apresentam certa fragilidade do ponto de vista físico e, por vezes, são colocados em situações de risco. Assim, são vítimas frequentes de violência física e moral. Por isso, exigem atenção e cuidados especiais por parte da família, da sociedade e do Estado.

Particularmente vulnerável é a criança, definida por lei como menor de 12 anos, pois é um ser em desenvolvimento físico, mental e psicológico. Não se pode comparar a força física entre o adulto e a criança. Tal desigualdade acaba incentivando a covardia de adultos que se aproveitam, até mesmo, para praticar abusos de ordem sexual. Mulheres e adolescentes são igualmente expostos aos mesmos abusos. Não faz muito tempo, a televisão exibiu cenas chocantes de violências praticadas contra pessoas idosas. Uma mulher de 92 anos foi espancada impiedosamente pelo assaltante. Como é fácil a valentia diante de uma pessoa frágil!

Legislação – Hoje, o Brasil possui ampla legislação com o objetivo de proteger a criança, a mulher e o idoso. Essa legislação é recente. A Lei 8.069 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – é de 1990; a Lei 11.340 – Lei Maria da Penha – é de 2006 e a Lei 10.741 – Estatuto do Idoso –, de 2003. Inúmeros órgãos foram criados, por meio dessas leis, como os Conselhos dos direitos da criança e do adolescente, os famosos Conselhos tutelares (municipais), os Juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher e os Conselhos da pessoa idosa.



A fonte de inspiração das leis abordadas acima é a Constituição Federal de 1988. Merece destaque o art. 227, que preconiza o dever de “assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. De grande relevância também é o § 5º do art. 226, que determina a igualdade de direitos entre o homem e a mulher na sociedade conjugal e que revogou parte da legislação civil então vigente (Código de 1916), especialmente no tocante à figura masculina como chefe dessa sociedade. O art. 230 cuida do “dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”, que é atribuído, explicitamente, à família, à sociedade e ao Estado.

É evidente a influência que a Constituição brasileira sofreu com o processo de humanização do direito internacional, cujo marco maior foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. A partir dessa data fica clara a preocupação assumida pela comunidade internacional em relação à criança e à mulher. Tratados internacionais específicos foram celebrados entre as nações, com o objetivo de promover os direitos e evitar a violência, a opressão e o abuso, muitas vezes praticados pelo próprio Estado.

Entre os instrumentos internacionais de proteção infanto-juvenil, constam a Declaração universal dos direitos das crianças, de 1959; a Convenção das Nações Unidas sobre os direitos da criança, de 1989; e a Convenção relativa à proteção das crianças e à cooperação em matéria de adoção internacional, de 1993.

A lista de instrumentos internacionais de proteção à mulher é ainda maior. Merecem destaque a Convenção para a supressão do tráfico de mulheres, de 1933; a Convenção sobre a nacionalidade da mulher casada, de 1957; a Convenção sobre os direitos políticos da mulher, de 1963; a Convenção relativa ao amparo à maternidade, de 1966; a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, de 1979; e a Declaração de Pequim, de 1995.

Violência doméstica – Apesar do grande número de leis e órgãos estatais de proteção existentes no Brasil, a violência doméstica continua merecendo destaque na mídia. Supostamente ocorre aumento dessa violência. Não obstante, inúmeras perguntas podem ser levantadas. O que está acontecendo com a família? Até que ponto a família está falhando no dever de cuidar de suas crianças, adolescentes, mulheres e idosos? A proteção do Estado é melhor do que a proteção que a família pode oferecer?

A violência está dentro da família. Uma pesquisa de campo realizada com crianças e adolescentes de rua na cidade de Curitiba indica que 14% saíram de casa porque apanhavam muito e 2% sofreram estupro na própria casa, antes de abandoná-la. (Bondaruk, *O império das casas abandonadas*, p. 47 e 49). Por outro lado, a violência também está fora da família. Em 2007, a mídia noticiou que uma jovem adolescente fora estuprada nas dependências de uma delegacia de polícia, no Pará. Sociopatas, criminosos e esturpadores podem estar em qualquer parte e não há motivo para crer que a família, como instituição, tenha fracassado. Além disso, os problemas domésticos são freqüentemente provocados pela desestruturação familiar, que pode surgir em virtude de motivos diversos como, por exemplo, a morte dos pais.

Agindo na raiz do problema – Por maior que seja a imoralidade em que a família esteja mergulhada, pais e mães ainda continuam almejando o melhor para seus filhos. Os órgãos estatais de proteção podem ajudar, mas nunca substituirão o efeito pacificador de uma família bem ordenada e estruturada. A solução para os problemas da violência certamente está nela. Assim, a família deve ser protegida como determina o art. 226 da Constituição Federal. Cabe ao Estado fornecer condições para que a família possa cultivar livremente os valores éticos, morais e religiosos, capazes de edificar uma sociedade pacífica, justa, fraterna e pluralista.

O Estado pode punir os crimes de violência, mas somente a família e a religião podem atuar na raiz do problema, que está no interior de cada ser humano, sem violar as liberdades fundamentais asseguradas pela democracia. ❖

Aldir Guedes Soriano é advogado no Estado de São Paulo.

Lançamentos CASA

Menopausa

Gilce Helena Vaz Tolloto



De repente, a menopausa mostra seus sinais. O que fazer? Neste livro informativo e cativante, a Dra. Gilce Tolloto apresenta a resposta. Ela ressalta que o corpo feminino tem seu mecanismo de auto-equilíbrio, e cabe aos profissionais de saúde saber quando e como intervir (ou não) nessa fisiologia. Mas a mulher também pode fazer muita coisa para atravessar com serenidade essa fase difícil.

Páginas: 88
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 10448

**Adquira
hoje os seus!**

Ira Sob Controle

Larry Yeagley



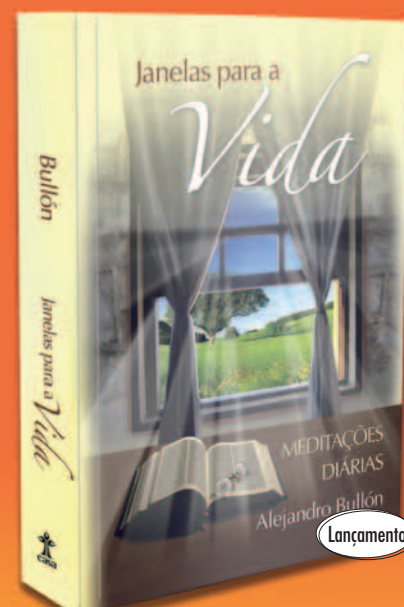
Descubra como romper o hábito da ira e experimente a transformação radical que se origina em perdoar e ser perdoado. Aprenda a controlar a ira, a desvencilhar-se do rancor e a sentir-se livre. Com mais de 40 anos de experiência, o autor tem ajudado milhares de pessoas a vencer a ira.

Páginas: 128
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 10406

Devocional Permanente

Janelas para a Vida

Alejandro Bullón



Neste devocional, Alejandro Bullón compartilha a inspiração e a sabedoria dos livros de Salmos e Provérbios. A Fonte da verdadeira sabedoria é Jesus. Por isso, tome tempo, cada dia, para pedir a direção divina em seus negócios e decisões. Se você for sábio, fará da vida uma obra de arte, perfeita em todos os seus detalhes. E será feliz. Abra as janelas para a vida.

Páginas: 384
Formato: 13,7 x 20 cm
Cód. 10919

Para adquirir ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br, faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das Lojas da Casa.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



A negligência social do idoso

Ser idoso não está entre as coisas mais desejáveis da vida, embora algumas pessoas considerem que essa é a melhor idade e outros a chamem de “terceira idade”. Não importa o nome que atribuímos à última idade do homem. O fato é que ela pode meter medo em muita gente. Portanto, pensar na velhice não é algo que flui com muita facilidade. A verdade é que, um dia, todos nós seremos velhos, isto é, se tivermos sorte e cuidarmos de nossa saúde.

Chegar à velhice não deve ser causa de ressentimento, mas de regozijo. Mesmo assim, o quadro do velho débil, frágil, enrugado, arqueado não nos causa admiração, nem nos desperta muito interesse de observação. Talvez porque nos faz pensar em como seremos no futuro.

Em realidade, não importa a altura da pessoa, não faz diferença a posição, não interessa o status econômico nem a posição social. Não importa se é feio ou bonito, homem ou mulher. Todos caminhamos para uma ruga a mais, um fio de cabelo a menos, a visão mais embaralhada, dificuldade para andar, paladar mais embotado e propensão para as mais variadas enfermidades.

Culto da aparência – Nessa visão da velhice, a mulher sofre um pouco mais. Sofre mais porque depende da aparência para chamar a atenção. Além disso, ela é bombardeada pela mídia na promoção da indústria cosmética e, ultimamente, pela exploração da cirurgia plástica. Apesar do movimento feminista se esforçar para conscientizar a mulher quanto a outros atributos além da aparência, ela continua avessa a qualquer ameaça à sua beleza. Nada de rugas e sinais de que o tempo vai passando e deixando suas marcas. Até o homem está começando a ter pavor de cabelos brancos, calvície e aumento do abdômen.

Há um narcisismo emergente que leva a pessoa a valorizar cada vez mais a aparência e negligenciar sua essência. O narcisismo é perigoso, pois leva o indivíduo a ficar cada vez mais voltado para sua imagem, ignorar seu ser total e desconsiderar qualquer tipo de sentimento ou importância do outro.

Numa configuração dessas, é muito fácil compreender porque o idoso fica ignorado, abandonado, negligenciado. O que vale é a juventude. O importante é ser jovem. Não importa o ridículo pelo qual uma pessoa tenha que passar para se manter jovem. Não importa o gasto, o sacrifício ou o custo para tentar impedir a implacabilidade do tempo. Parece que quanto maior é a ansiedade por se manter jovem, mais medo se tem da velhice, maior é o risco de desespero quando ela chega.

Em busca da integridade – Eric Erikson, em suas considerações sobre as “oito idades do homem”, descreve o período final como integridade versus desespero, fase em que experiências, sonhos e lembranças do passado são trazidos à memória. Há uma tentativa de reconstruir o significado da vida que passou. Há o desejo de chegar a um acordo com a morte que se aproxima numa hora incerta. Para o referido autor, pessoas sadias são as que alcançaram a integridade do ego, adaptaram-se aos desapontamentos e triunfos da vida, geraram produtos ou idéias, construíram algo. Quando olham para trás e observam sua trajetória, concluem que são especiais e encontraram sentido para a vida. Portanto, aceitam, sem medo, a inevitabilidade da morte, porque isso faz parte do ciclo de vida.

Por outro lado, em contraste com os que alcançam integridade do ego, há os que, ao olhar para trás, sentem desespero pela incapacidade de aceitar os fracassos inevitáveis da vida, viveram uma jornada de egoísmo, não se preocuparam com os outros, centraram-se em si mesmos. Caem no desespero porque descobrem o pouco tempo que lhes resta para viver. Desespero, porque não dá mais tempo de recomeçar, nem de buscar novos caminhos para chegar à integridade.

O que fazemos da vida é o que vai trazer as conseqüências para nós. O que plantamos hoje colheremos amanhã ou depois. A velhice é um fato com o qual precisamos lidar sem abuso contra o idoso. A sua condição merece afeto e proteção.

Quinto mandamento – Nos escritos cristãos, existe um mandamento que nos ordena honrar o idoso, apreciando seu sacrifício, mesmo que ele não mereça isso. A condição do idoso requer cuidado e atenção. O sacrifício que fazemos para ajudar o idoso em sua ansiedade e perplexidade nos torna mais dignos e humanos. Cuidar do outro, especialmente do idoso, é uma obrigação que nunca tem fim. A responsabilidade com o pai idoso só acaba quando ele morre. Entretanto, quantas famílias fogem dessa res-

ponsabilidade! O dever não é só de um filho, mas de todos. Não fica fora da obrigação o cônjuge, se tiver condição de saúde para cuidar. Deixar um velho na cama, molhado de urina ou suor, sem comida e sem água, sem banho e sem higiene é um quadro deplorável, mas é uma realidade mais comum do que se pensa. Não se trata de algo que ocorre na favela, mas sim na classe elevada, com gente que parece respeitável.

É bem verdade que há pais que não fizeram o que deveriam para merecer algo bom na velhice. Falharam com o cônjuge, falharam com os filhos. Falharam porque não estabeleceram

**O isolamento
de um idoso
tem efeitos
devastadores**



limites, não contribuíram para a generosidade dos filhos, não ajudaram na formação do caráter deles, nem os instruíram na questão do domínio próprio. Não só houve negligência e abandono dos filhos, mas também a prática de abusos físicos, verbais e emocionais. Foram pais abusivos. Tudo isso pode ter acontecido. Mas não podemos retaliar contra os pais. Podemos não gostar deles, mas devemos amá-los. Isso significa que pode não haver prazer em tê-los perto; contudo, precisamos desejar o bem deles, tanto quanto queremos nosso próprio bem.

Respeito – Não podemos ser covardes a ponto de fazer sofrer um idoso, um ser humano fraco, cansado, abatido, muitas vezes doente e angustiado pelo remorso e arrependimento. Diante de tal quadro, o apelo é para o perdão. Não diria para reconciliação, mas é o momento oportuno de limpeza da alma. Limpeza que, mais tarde, tornará o luto menos sofrido, porque nos livra de arrependimento e culpa. O momento não é para vingança, e sim de absolvição do culpado, para eliminarmos os ressentimentos e mágoas que não nos deixam viver em paz. Por isso, é um momento de tristeza e de oportunidade. Tristeza pelo que passou. Oportunidade para crescer, amadurecer e mostrar atitude saudável rumo à jornada que nos resta.

O sofrimento do idoso tem várias dimensões. A começar pela que mais ameaça a sua existência: o físico entra em declínio estrutural e funcional. As doenças crônicas vão se acumulando com problemas de coração, hipertensão, artrites ou diabetes. A parte psicomotora fica mais lenta e os sentidos captam com mais lentidão. A visão é afetada, como também a audição. Apesar do declínio físico, acredita-se que só dez por cento das pessoas acima dos 65 anos precisam de cuidados em casa.

Na área da saúde, o idoso é muitas vezes negligenciado, abusado e até violentado, tanto pela equipe que cuida dele quanto pela família. As razões são suas queixas repetitivas e cansativas. Repetitivas porque são consideradas típicas da velhice, com suas enfermidades crônicas, que não saíram justamente por serem crônicas. Se não há melhora, as reclamações continuam. Considero uma agressão quando se diz a um idoso que ele deve estar mais contente por ter vivido muito. Por isso, o ancião vive com dois sentimentos nada agradáveis: culpa e raiva. Culpa pelo fato de precisar de tanta ajuda dos outros e raiva dos que foram por ele ajudados e agora lhe viram as costas.


Perdas acumuladas – Um problema amargo para o idoso é a diminuição da renda, com a aposentadoria. Renda que mal dá para pagar um plano de saúde decente. Com a perda da renda pode vir a necessidade de depender da ajuda de parentes; ajuda que vem sem boa vontade. Situação comum para quem não planejou um envelhecimento sau-

dável. O idoso sofre sem dinheiro ou com dinheiro porque, se tem ou lhe resta algum, há muitos interessados em receber sua herança antecipadamente. Como diria o caipira: “Antes de o defunto esfriar.”

Os sofrimentos do idoso são fruto de um processo cumulativo. Ele não só tem que encarar a realidade da deterioração física, do enfraquecimento das capacidades mentais, mas também a perda de amigos, perda de pessoas amadas, mudança de ambiente, decadência da casa em que mora, fragilidade, vulnerabilidade pela ameaça da insegurança, medo de sair à noite. O idoso é alvo fácil de gangues, criminosos ou moleques da vizinhança.

A viuvez é uma das perdas da velhice que mais desgaste pode produzir. A morte do cônjuge deixa muitas seqüelas, como queixas físicas generalizadas, perda de apetite, insônia e até alucinação. Essas queixas podem durar dias e meses após a morte do cônjuge. Vem o sentimento de culpa pelo que não fez ou remorso por ter feito o que não deveria. É comum a raiva de quem cuidou do falecido e o deixou morrer. Com a viuvez, o homem sofre mais do que a mulher. A viuvez cria um sério problema, que é o novo casamento. Para a mulher, é mais difícil por preconceito de idade e porque há menos homens disponíveis. Entretanto, o maior sofrimento está na não aprovação dos filhos. Desaprovação tanto maior quanto mais dinheiro o idoso tiver e maior for o desequilíbrio econômico entre os anciãos “apaixonados.” Alguns filhos chegam ao radicalismo de romper as relações e não mais querem ver o pai ou a mãe. Não é levada em consideração a circunstância de solidão, falta de amigos, dificuldades de relacionamento e ausência de um confidente. O isolamento de um idoso pode ser profundo e devastador.

Prevenindo e promovendo – A melhor maneira de não abusar, negligenciar ou abandonar o idoso é prevenir e promover. A melhor maneira de não ser abusado, negligenciado nem abandonado é se preparar para um envelhecimento honroso. Isso é prevenir e promover. Prevenir limitando o negativo e promover facilitando o positivo. No processo de limitar o negativo, é muito importante reconhecer que as queixas ou reclamações de perdas e as perdas reais não estão correlacionadas com desempenho do indivíduo. Além disso, sabe-se que a preocupação com o fato de piorar esse desempenho, a crença de que nada pode ser feito para prevenir ou melhorar o declínio, acaba resultando numa série de sentimentos negativos como medo, ansiedade e depressão. Esses impedem que o idoso se esforce para encarar as tarefas que exigem raciocínio.



O pôr-do-sol pode ser tão bonito quanto o alvorecer

Tal atitude é propícia para causar aquilo de que o idoso mais tem medo: fracasso, julgamento dos outros e, por fim, a própria impotência. Além disso, esse estado de medo, ansiedade e depressão prejudica o pensamento e a concentração. É bom lembrar que caminhamos na direção para a qual nossos pensamentos nos levam.

O mais importante não é prevenir, combater, afastar o que não interessa, mas promover, ocasionar, criar, causar experiências positivas, pensamentos positivos, tarefas positivas. O valor não está em fugir do que você não quer, mas buscar o que você quer. A recompensa está em fazer o bem e não em fugir do mal. Quando se promove o bem pela bondade, compaixão, cuidado e serviço em favor de outrem, mesmo que a pessoa seja idosa, o retorno é positivo. Reduz o medo, diminui a ansiedade e apazigua a raiva. Acima de tudo, prolonga a vida com saúde mental.

Dentro do paradigma de promoção em vez de prevenção, não se envelhece pela idade cronológica, mas pelo estado negativo de espírito, pela diminuição do humor e pela atitude pessimista em face da vida. Só se envelhece quando se perde o entusiasmo, o interesse e a vibração pela vida. Não se pode esquecer que o pôr-do-sol pode ser tão bonito quanto o alvorecer. Podem ser consideradas as perdas, mas deve se concentrar também nos ganhos. Podem ser perdidas a rapidez e flexibilidade do processo cognitivo e da

facilidade psicomotora, mas ganha em clareza de raciocínio, solução de problemas e sabedoria prática. Uma sabedoria que enfrenta as respostas difíceis, trabalhosas e embaraçosas. Uma sabedoria que ajuda a chegar a um estilo de vida saudável, honrado, útil e profícuo.

Conclusão – Envelhecer é crescer em reclamação ou em sabedoria. É uma escolha que se faz antes de se chegar lá.

No trato com o idoso, para fugirmos da negligência, abuso ou abandono e chegarmos à velhice com dignidade, são necessárias algumas atitudes: a) determinação para não manifestar desprezo; b) coragem para enaltecer; c) respeito para não ferir; d) responsabilidade para confortar; e) cuidado para não inferiorizar; f) disposição para encorajar; g) consideração para não punir; h) generosidade para recompensar; i) vigilância para não privar; j) bondade para nutrir. Trata-se de atitudes positivas e construtivas para com a minoria que depende de nosso apoio. De fato, o idoso é humano, semelhante a nós. Um dia, se tivermos sorte, chegaremos lá.

A essa altura, é importante lembrar que a regra áurea recomenda fazer aos outros o que desejamos para nós (Mt 7:12). Portanto, busquemos sucesso na bondade, e não no abuso contra os velhinhos. ❖

Belisário Marques é doutor em Psicologia.

Desenvolvimento da criança

Como desenvolver seu filho, de uma forma positiva, para que ele seja um adulto sadio e bem-sucedido na vida? Quem dera recebêssemos manuais de instruções quando nossos filhos nascem! Mas isso não acontece. Vivemos num período em que a maioria dos pais simplesmente não sabe o que fazer com os filhos. Na era da informação, recebemos todo tipo de conhecimento informativo, mas pouco formativo. Essas informações vêm das mais diversas fontes e, muitas vezes, destoam do que é necessário para o bom desenvolvimento da criança.

Pais cujos progenitores foram muito severos tentam agir de maneira oposta, permitindo tudo aos filhos. Outros entendem que, enquanto as crianças são pequenas, podem fazer tudo o que desejam. Mais tarde, ao entrarem na escola, aprenderão a se comportar (pobres professores!). Alguns pais são severos demais: cobram tudo, exigem só o que é perfeito. Afinal, se os filhos quiserem ser alguém no futuro, têm que ser simplesmente os melhores.

Muita coisa mudou – Atualmente, as crianças são muito diferentes: aprendem cada vez mais rápido, são mais curiosas, fazem várias coisas ao mesmo tempo. Em contrapartida, são agitadas, mais desobedientes, mais voluntárias, como se já tivessem nascido assim. Bem, se nasceram assim, não há o que fazer, não é? Resta-nos acostumar-nos com a situação e agüentar as conseqüências...

Realmente, muita coisa mudou em nossa vida, de algum tempo para cá: televisão, computador, internet, telefone celular, mães (cada vez mais requisitadas no mercado de trabalho) – tantas transformações!

O fato é que os pais de hoje não sabem o que fazer com os filhos. Podemos fazer inúmeras críticas à severidade, rigidez, falta de diálogo e inflexibilidade de nossos pais, mas nós, os filhos, sabíamos o que era esperado de nós, quais eram as regras da casa, quem fazia o quê e, principalmente, quais eram os valores que norteavam nossa vida.

Os pais de hoje estão confusos e, muitas vezes, querem parecer modernos e liberais. Mas, na verdade, não sabem em que acreditam e não acreditam no que fazem. Os filhos, percebendo a insegurança dos pais ao lidarem com

eles, também ficam inseguros e provocam instintivamente situações que põem à prova o que os pais pensam e aquilo em que acreditam.

Desenvolvimento harmonioso – Não existe um modo absolutamente certo de criar os filhos ou uma cartilha para educá-los. Pai e mãe são diferentes. Mesmo tendo recebido a mesma formação, filhos dos mesmos pais desenvolvem-se diferentemente. Ter filhos demanda tempo e paciência. É fundamental que os pais saibam que é no âmbito da família que os filhos aprendem o senso de pertencer e a importância de se relacionar com o próximo. Filhos precisam de pais (nenhuma instituição os substitui) que os ensinem a viver com maturidade na desafiadora sociedade atual.


O período mais importante para a formação de uma criança vai do nascimento até a idade de seis anos, tempo que ela deve (ou deveria) passar quase que exclusivamente com a família.

De que precisam as crianças para se desenvolver harmoniosamente? Precisam de apoio, cuidado e amor da família, dos vizinhos e amigos; precisam sentir que são amadas e saber que seu valor é reconhecido. Precisam ter expectativas e limites claros, saber o que se espera delas. Demandam uso construtivo do tempo, com oportunidades enriquecedoras para crescer por meio de atividades criativas. Nessas atividades, a criança precisa conhecer a si mesma, desenvolver consciência social, autocontrole, habilidades sociais, responsabilidade e capacidade para tomar decisões.

Regras fundamentais – Parece muita coisa, não é? Veja o que você precisa fazer para que isso funcione:

1. Deixe claro o tipo de educação que você quer passar para seus filhos. É difícil encontrar pai e mãe que pensem e ajam de idêntica maneira. Por isso, é importante que o que desejamos transmitir a eles represente um ponto de encontro, de convergência das idéias e anseios de ambos os pais, e nunca de divergência.

2. Convergência também deve ser a regra quando o assunto estiver ligado a valores. É fundamental que os pais ensinem aos filhos, de modo claro e coerente, um consenso



Dez regras para que seus filhos se desenvolvam harmoniosamente

que traduza os valores de ambos. Valores constituem o conjunto de traços culturais e ideológicos que definem princípios ou padrões sociais aceitos e mantidos por uma pessoa, grupo ou sociedade. Representam o que é importante para determinada família. As pessoas não têm os mesmos valores. Por isso, é importante que cada indivíduo pense em seus valores.

3. Não interfira na disciplina que seu cônjuge está ministrando ao seu filho. Se você não concorda com a fala, forma ou atitude de seu parceiro, dê sua opinião depois, numa conversa em particular. Nunca o desautorize na frente da criança.

4. Mostre ao seu filho que existem limites e regras. As regras devem ser obedecidas por todos. Caso contrário, a criança se torna insegura e instável. Ela precisa de limites para saber o que é certo e o que é errado. E essa necessidade é tanto maior quanto mais nova for a criança, pois ela está aprendendo como são as coisas. As regras e limites de hoje serão seus parâmetros para o convívio e desenvolvimento amanhã.

5. Desde cedo, ensine seu filho a fazer escolhas e arcar com as conseqüências. Lembre-se de que a possibilidade de escolha vem com o amadurecimento da criança. Ela precisa começar com escolhas simples e, à medida que se mostrar capaz, permita-lhe fazer escolhas mais importantes.

6. Permita que seus filhos tentem resolver seus próprios problemas. Quando as crianças trouxerem problemas para você resolver, não se esqueça de perguntar o que ela já tentou fazer para contornar a situação.

7. Fale positivamente com e sobre seu filho. Isso desenvolve a auto-estima dele. Muitas vezes chamamos a atenção para o negativo, deixando de valorizar o positivo, como se isso não fosse além do dever. As crianças precisam saber quando agem corretamente. Isso faz com que se sintam valorizadas.

8. Explique claramente o porquê das suas atitudes. As crianças aceitam melhor qualquer coisa quando entendem a razão do comportamento.

9. Ouça o que seu filho tem a dizer. Preste atenção, não o interrompa. Só depois de ouvi-lo você vai saber melhor o que fazer. Permita que a criança expresse seu ponto de vista. Assim, você descobrirá como seu filho ou filha pensa e como presta atenção a tudo que acontece ao seu redor.

10. Apresente seus filhos a Deus. As pesquisas indicam que o envolvimento em alguma crença religiosa é fator decisivo para o desenvolvimento das crianças.

Acima de tudo, é importante que os pais não se esqueçam de que os filhos vão seguir os modelos. E acredite: Eles estão atentos a tudo o que você diz e faz a cada momento. O modo com que os pais se relacionam se refletirá diretamente no desenvolvimento harmonioso deles. É com os pais que os filhos aprendem o sentimento de pertencer e de se relacionar com os outros. Essa é uma tarefa de importância fundamental para o desenvolvimento deles. ❖

Cláudia Bruscajin, doutora em Psicologia Clínica, é terapeuta de casais e família.

Terreno perigoso



Saiba como a rede que abre o mundo diante de seus olhos pode se tornar sua inimiga

Nossos filhos e a internet

1. Incentive seus filhos a compartilhar com você suas experiências na internet.
2. Ensine-os a confiar em seus instintos. Se alguma coisa online fizer com que se sintam nervosos, eles devem lhe contar.
3. Se seus filhos visitam salas de bate-papo, usam programas de mensagens instantâneas, jogos online ou outras atividades na internet que exijam um nome de logon como identificação, ajude-os a escolher um nome que não revele qualquer informação pessoal.
4. Insista para que nunca informem seu endereço residencial, número de telefone ou outras informações pessoais como: onde estudam ou onde gostam de brincar.
5. Ensine que a diferença entre certo e errado na internet é a mesma que na vida real.
6. Mostre como respeitar os outros, mesmo online.
7. Insista para que respeitem a propriedade de outros online. Fazer cópias ilegais do trabalho de outras pessoas, como música, games e outros programas, é roubo.
8. Diga-lhes que nunca devem encontrar amigos virtuais pessoalmente.
9. Online, nem tudo é verdade. Encoraje-os a perguntar a você se não tiverem certeza de algo.
10. Controle as atividades online de seus filhos com software de internet avançado, para filtrar conteúdo ofensivo, monitorar os sites visitados pelos seus filhos e descobrir o que fazem lá.

Fonte: Microsoft

E-mail, chat, MSN, Orkut, Skype, blog, fotolog, MySpace – esses termos desconhecidos até pouco tempo atrás já são bem familiares para muitas crianças, adolescentes e jovens. O avanço tecnológico não tem afetado apenas empresas e comércio; a rotina doméstica também tem sofrido alteração desde que o computador ganhou espaço nos lares. Com ele, compras são feitas sem sair de casa, evitam-se filas em banco, encurtam-se distâncias entre parentes e amigos.

O computador e a internet não são ruins. Eles descontinam o mundo diante dos nossos olhos. São ferramentas que podem ser usadas com sabedoria ou não, para o bem ou para o mal.

Como pais e educadores, devemos proporcionar essa tecnologia às crianças, aos adolescentes e aos jovens, para que tenham acesso à riqueza de informação saudável que a internet pode oferecer. No entanto, é nosso compromisso orientá-los para que essa ferramenta seja utilizada de maneira responsável, adequada, ética e segura.

Aki naum, mininu! – Instintivamente, pais assustados proíbem seus filhos de acessarem a rede. Com as notícias sobre pedofilia e outros crimes iniciados na internet zunindo em seus ouvidos, eles pensam que não ter internet em casa ou restringi-la os manterá protegidos. É um engano! Basta um clique para que uma informação inadequada seja transmitida. Aos que não têm internet em casa, um lembrete: com dinheiro de troco, lan-houses permitem que qualquer criança ou adolescente acesse o mundo por uma hora.

A melhor estratégia é restringir o uso da internet, mas explicar as razões para isso. É preciso conversar sobre os reais riscos da exposição na internet. Quais são? Há pessoas boas querendo fazer amizade, mas há muitas pessoas mal-intencionadas. A apresentação via *chat* ou qualquer outro meio virtual não é suficiente para nos ajudar a identificar quem presta e quem não presta nesse universo. Ninguém pode dizer, apenas “teclando” com alguém, se ele é depravado ou assassino, pedófilo ou ladrão, seqüestrador ou maniaco.

Quando o usuário da internet tem valores bem formados, ele próprio evita terreno perigoso. Por isso, os pais devem conversar constantemente com os filhos, mostrando

que há limites que devem ser seguidos e indicando a diferença entre o certo e o errado, mesmo no mundo virtual. No diálogo, se os pais perceberem que o filho insiste em visitar sites suspeitos ou locais de muita exposição, vale a pena checar de vez em quando o histórico da internet (o caminho é: Exibir-Barra do Explorer-Histórico, ou pressionar Ctrl+H). Ali estará a lista dos sites por onde passaram os usuários daquele computador. Se a lista estiver apagada, alguém fez isso de propósito; essa “infração” merece um diálogo mais sério e demorado. É essencial que pais e filhos se comuniquem, e que compreendam os riscos da internet, um ambiente amigável que, mal usado, pode se tornar hostil. ❖

NÃO PODE...

- ◆ emprestar seus dados de acesso de e-mail, internet, ou algum sistema para um colega usar (seja quem for). Mantenha sua senha em segredo.
- ◆ usar senhas óbvias, como datas de aniversário ou números de telefones.
- ◆ divulgar informações pessoais a estranhos (como idade, endereço, telefone, nome completo, lugares que frequenta e fotos).
- ◆ baixar sons e imagens de pessoas desconhecidas.
- ◆ passar demasiado tempo conectado à rede. É bom que a família estabeleça um período diário ou semanal para cada usuário de internet da casa.
- ◆ acreditar em tudo o que dizem em sites de relacionamentos; porque, no anonimato propiciado pela internet, é muito fácil alguém fingir ser quem não é.
- ◆ ir sozinho a encontros marcados pela internet.

DEVE...

- ◆ manter seu computador sempre protegido por antivírus.
- ◆ usar filtros para internet, que vetem o trânsito do usuário em ambientes virtuais impróprios e bloqueiem material inadequado.
- ◆ trocar periodicamente as senhas.
- ◆ caso perceba alguma área de risco para seu filho na internet, denunciar o caso às autoridades de sua cidade e informar ao provedor de acesso.
- ◆ definir regras de utilização do computador e da internet. Essas regras devem ficar à vista, estipulando limites de horários e de área de navegação na rede, e relembrando normas de segurança.
- ◆ manter o computador em local aberto e acessível a toda a família. Isso inibe acessos proibidos.



Sueli Ferreira de Oliveira é editora da revista *Nosso Amiguinho*.

Mais que inclusão digital, Educação Digital

Com a “inclusão digital” sem a “educação digital”, a tecnologia pode se tornar uma arma, trazer novos riscos e perigos que merecem atenção e proteção. Não basta apenas disponibilizar um computador ou um email para alguém, seja criança, adolescente ou adulto. Aquele que não conhece o meio, os recursos e a forma adequada e segura de fazer uso deles, provavelmente se tornará uma vítima ou um infrator, quer seja por ingenuidade ou por falta de informação.

Por isso, é essencial que as Instituições de Ensino se atualizem e assumam o papel de liderança na formação desse jovem, que é o profissional de amanhã. Questões como “proteção da identidade digital”, “plágio”, “pirataria”, “ofensas virtuais”, “uso de imagem não autorizado”, “participação em comunidades ilícitas”, “assédio em chats e Messenger”, “limites da liberdade de expressão”, entre outras devem ser trazidas para a sala de aula, para orientação e preparo de nossas crianças da era digital.

Abordar de forma didática nossa legislação também é imprescindível, pois a nova geração precisa conhecer as leis, os valores, a ética. Assim, escolas, colégios, universidades, bem como projetos de inclusão digital devem desenvolver ações de prevenção e de educação digital, criando regras claras para seus empregados, funcionários, colaboradores e alunos, bem como desenvolver conteúdos específicos de Ética e Cidadania Digital e capacitar seus professores para lidar com essas questões dentro e fora da sala de aula.

Entre no site www.pppadvogados.com.br e baixe a cartilha gratuita sobre “Uso ético e legal da tecnologia dentro e fora da sala de aula”. Educar para o uso responsável dos meios digitais é um dever de todos.

Patrícia Peck Pinheiro e Cristina Sleiman são especialistas em Direito Digital aplicados às Instituições de Ensino.

Dicas de Leitura



Como Lidar com as Emoções

Este livro é uma importante contribuição para quem deseja lidar com os problemas emocionais. Destaca cinco capítulos da apreciada obra de Ellen G. White: *Mente, Caráter e Personalidade*, que mostram como lidar com a culpa, a ansiedade, a angústia, o medo e a depressão. Um livro que vai contribuir para uma vida mais feliz.

Páginas: 224
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 7952



Vida Dinâmica

Adquira o livro *Vida Dinâmica*. Com ele você vai aprender mais sobre: controle de peso, alimentos e suas propriedades, saúde emocional, remédios naturais, entre outros assuntos, abordados de forma compreensível e cientificamente correta. Um livro que vai ajudar você a assumir o controle de sua saúde.

Páginas: 224
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 7296



Amores que Matam

Veja em *Amores que Matam*, de Miguel Ángel Núñez, questões como a violência doméstica, os mitos sobre o agressor e a mulher agredida, o ciclo da violência e o que fazer frente à agressão. Saiba também como identificar um agressor.

Páginas: 208
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 8150

**Adquira
hoje mesmo!**

Para adquirir ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br,
faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das Lojas da Casa.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



Em **busca** de ajuda

Nos sites abaixo, você encontrará dicas e orientações para evitar e combater a violência

www.pppadvogados.com.br

www.denunciar.org.br

www.hackerteen.com.br/pdf/cartilha.pdf

www.promenino.org.br

www.observatoriodainfancia.com.br

www.unicef.org/brazil

www.adventistfamilyministries.org

www.adventist.org/beliefs/statements/respect-for-all-people.html

www.adventistrisk.org/pdfs/childprotectionsample.pdf



Família

facilitadora da interiorização
de **valores**

Os valores são alicerce e bússola para a vida

A família exerce importante papel no desenvolvimento físico, mental e social das pessoas, e a figura dos pais, especialmente, desempenha dois tipos de funções próprias e únicas, bem definidas, as quais satisfazem as necessidades dos filhos.

A primeira função é nutritiva, provendo o alimento de que precisamos, abrigo adequado e amor. Como pais, nos sentimos recompensados em prover essas necessidades primárias, e isso não é tarefa complexa. Podemos ver os resultados no dia-a-dia: crianças saudáveis e felizes. Mas, se houver falhas significativas na infância, na alimentação e nos cuidados físicos e amorosos, as consequências negativas disso incapacitarão as crianças para amar, estudar e trabalhar.

A função normativa, por sua vez, está vinculada à interiorização de valores e regras necessários à socialização dos filhos e ao seu desenvolvimento adequado no mundo. Isso aponta para o futuro. Às vezes, há um longo caminho a percorrer para transmitir normas e interiorizar valores, e essa caminhada pode se tornar estressante, por estar ligada a proibições e limites. Temos a tendência de adiar essa tarefa ou achar que outra pessoa ou instituição deva se encarregar disso.

Bússola para a vida – Mas estamos nós cientes de que falhas na função normativa da família têm efeitos de longo alcance na vida das pessoas, e de que sucesso e qualidade de vida na idade adulta dependem da interiorização de regras e valores na infância?

Assim como as consequências da subnutrição e da falta de amor na infância deixam marcas indeléveis, também os valores que adquirimos na infância ou as normas e valores que não conseguimos interiorizar definem quem seremos ao longo da vida.

Valores são bússola para nossa vida. Decisões, escolhas e atitudes conscientes são definidas por esses valores, que são lentes através das quais vemos a vida. Os valores estão presentes em atitudes impensadas, palavras não refletidas e no que desfruto inconscientemente. No lar em que a boa educação é priorizada, o filho que incorpora valores e normas, ao chegar à adolescência e concluir o ensino médio, tomará uma decisão consciente ao escolher o curso superior, levando em conta um conjunto de valores.

Geralmente, surgem duas perguntas em relação aos valores: Como transmitir e o que transmitir?

Pais especiais para filhos únicos – Às vezes, os pais se surpreendem com as diferenças de comportamento entre seus filhos. Ouvimos frases como esta: “Não sei o que acontece: demos o mesmo tratamento, sem fazer diferença entre os filhos, e eles são tão diferentes!” A diferença pode chegar ao extremo: um filho satisfaz todas as aspirações dos pais, sendo honesto, amoroso e responsável; já o outro, com reações opostas, frustra os pais por se transformar num delinqüente. O que acontece?

A idéia que nos veio à mente, na situação acima, foi a de tratar e educar os filhos por igual, para que fossem boas pessoas. Mas vejamos: Assim como filhos divergem na altura, cor da pele e outros aspectos, embora tenham recebido a mesma alimentação e os mesmos cuidados, também ocorrem divergências em relação ao caráter. A mesma educação tem resultados diferentes. A experiência nos mostra que os filhos têm necessidades diferentes. Por isso, devemos tratá-los e educá-los de maneira diferente.

A educação é mais simples para alguns filhos do que para outros, uma vez que o temperamento, por questões genéticas, faz com que eles respondam de forma diferente aos estímulos. Seja como for, cada um deles está potencialmente apto para incorporar e desenvolver valores.

Em vez de desanimar diante do desafio de sermos os pais que cada filho necessita, perguntemos a nós mesmos se gostaríamos de ter filhos em série ou se gostaríamos de desfrutar o privilégio de ser pais únicos e especiais para filhos únicos e especiais.

Janela de possibilidades – “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (Provérbios 22:6).

Quando falamos em inculcar e ensinar valores, não podemos pensar num momento mais próprio que o da infância, o qual se assemelha a uma janela com múltiplas possibilidades. Desde os primeiros momentos de vida, a criança começa seu aprendizado. Sua formação será diferenciada à medida que conquistar sua identidade por meio dos valores adquiridos, os quais a acompanharão pelo resto da vida.

Nossos valores e nós somos um só. Os filhos, quando pequenos, são como uma esponja: absorvem tudo o que acontece ao seu redor, atentos ao que falamos e fazemos. Transmitir valores é mais que um discurso. Por exemplo, se recebo uma ligação e peço que as crianças digam que não estou, elas entram no terreno da relatividade dos valores. Como? E pensam: Será que, em determinadas circunstâncias, se pode mentir? Se isso vier a ocorrer, por mais que você tente ensinar que sejam honestas em tudo, nunca alcançará um efeito construtivo, pois é dando exemplo prático que se ensina.

É impossível crescer sem valores. Isso significa que os espaços livres que deixamos como família serão ocupados por outros valores, sem que tenhamos a certeza de que os resultados serão convenientes. As crianças aprendem não só o que se ensina em casa, mas são também influenciadas pelos amigos, programas de televisão, etc.

Falar sobre a importância dos valores, contar uma história ou relembrar momentos em família; praticar uma boa ação, recompensar por uma boa atitude, ler na Bíblia a respeito dos valores que Deus estabeleceu e refletir na vida de Jesus – tais coisas definem silenciosamente nas crianças os parâmetros para a vida.

Valores a transmitir – Durante muitos anos a transmissão de valores era como um jogo de corrida de revezamento. Uma geração “repassava” os valores para a geração seguinte. Com poucas variações, os valores permaneciam através das gerações, e isso se devia ao fato de que as sociedades estavam alicerçadas em Deus. Portanto, se Deus é imutável, os valores também não mudam.

Mas, atualmente, devido ao relativismo da era pós-moderna, nossa sociedade tem migrado dos valores morais para o que se chama de “valor agregado”. O valor está no título acadêmico, na conta bancária, nas propriedades, na marca da roupa, no carro, no nome, etc.

Se, por um lado, somos vítimas ou testemunhas de roubos, abusos, violência, crimes, corações insensíveis e mentira, por outro, temos o direito de questionar os valores que estão sendo transmitidos. Talvez fiquemos surpresos



ao perceber que, acompanhando o ritmo da sociedade em que vivemos, nos ocupamos mais das funções nutritivas, de satisfazer os desejos das crianças, ao mesmo tempo que nos eximimos da responsabilidade de transmitir as normas para a vida. Às vezes, estamos transmitindo inconscientemente valor agregado em vez de valores fundamentados em princípios morais.


Como pais, cumpre-nos examinar nossos próprios valores e seu alicerce. Precisamos sair do relativismo para viver com respeito, amor, honestidade, bondade, responsabilidade, ge-

nerosidade, humildade e esperança. O absoluto é a qualidade do valor. Talvez necessitemos voltar os olhos para Deus, que continua sendo o imutável fundamento desses valores.

A formação do caráter de nossos filhos só será possível se praticarmos os valores e princípios estabelecidos por Deus. ❖

Mirian Poelstra de Rivero, licenciada em Psicologia e mãe de adolescentes, reside em Bahía Blanca, Argentina.





Perdão tem preço
e não implica
necessariamente
reconciliação

Violência e perdão

Alexandra* é uma mulher jovem, embora aparente ter mais idade. Sente-se cansada, pois carrega uma carga emocional muito grande. Seu rosto tem aspecto abatido. Os que entram em contato com ela, notam tristeza em seus olhos, prontos para chorar. Poucos sabem que ela é maltratada pelo esposo desde a lua-de-mel. Foi espancada na presença dos filhos, além de ser humilhada em público em mais de uma ocasião. Há vários meses, ela saiu de casa. Quando pergunto a ela sobre o perdão, sua reação é: “Perdoar quem? Ele nunca me pediu perdão. Quando eu disse que seu exemplo de cristianismo era péssimo, ele riu na minha cara. Perdoar como?”

• Roberto é empresário. Abandonou a cidade em que vivia e mudou-se para outro lugar para começar do zero. A esposa tinha ciúme dele e, certo dia, num ataque de ira, golpeou a si mesma, batendo a cabeça na parede do banheiro até sangrar. Depois, foi à delegacia e denunciou o esposo por violência doméstica. A polícia o prendeu por vários dias, mas foi absolvido no julgamento, depois de ter sido provado que ele não foi o responsável pelas agressões, graças ao testemunho de um dos filhos que o viu em outro quarto no momento em que supostamente estaria batendo nela. Ele acha que ela destruiu a vida dele. Assim, ele foi embora para começar a vida em outro lugar. Vai à igreja regularmente e, com voz embargada pela emoção, diz: “Creio no perdão, mas é difícil superar a raiva que tenho dela. Ela me acusou falsamente. Perdi amigos, clientes e até a confiança dos meus filhos e da minha família, por causa disso. Como posso perdoar?”

• Soledade e Luís são amigos, mesmo não sendo parentes, e dividem uma história em comum. Tornaram-se amigos em circunstâncias especiais. Ao chegar o fim do ano, optaram por ficar na instituição em que trabalham – um na

casa de um amigo e o outro trabalhando, não por necessidade, mas para pagar sua estada. Quando perguntei a eles por que não iam passar as férias com suas famílias, a reação foi similar: “Para quê?”, perguntou Soledade, “aqui estamos melhor. Nossas casas são um inferno.” Luís concordou e acrescentou: “Em nosso lar não há paz. Só gritos, acusações, um ambiente em que nem se pode respirar. Prefiro ficar aqui com meus amigos.”

Então, perguntei: “Que tal perdoar e esquecer?” Soledade, interrompendo, respondeu: “Para perdoar precisamos aceitar que estamos errados.” Luís concordou com ela.

Esses três casos reais mostram uma dura realidade. A violência doméstica tem como vítimas mulheres, crianças, homens e velhos. É um fato social que está longe de acabar. Só tende a aumentar.

Os personagens dessas histórias são pessoas cristãs. Muitos lares estão envolvidos nessas circunstâncias e não têm consciência da realidade em que vivem. Nesse contexto, o perdão é o tema mais complexo, especialmente para quem não está envolvido diretamente com a violência doméstica.

O que é perdão? – Muitos agem como se o perdão fosse uma varinha mágica capaz de solucionar todos os problemas de relacionamentos interpessoais. Mas não é assim.

Perdoar tem dois lados. Ambos são complexos; portanto, é difícil enfrentá-los. Em alguns casos, é possível perdoar porque os agressores se arrependem verdadeiramente e fazem tudo para redimir os atos de violência e agressões. Nesse caso, o perdão é menos difícil. Mas, quando o agressor não demonstra arrependimento e nada faz para alcançar o perdão, só um milagre da graça divina pode mudar a situação.

Há assuntos delicados e nada fáceis de se enfrentar. Um deles tem que ver com o tipo de relacionamento a ser estabelecido com a pessoa que agrediu a outra, depois de ter sido perdoada. Alguns acham que perdoar envolve uma reconciliação automática, e não é bem assim. É colocar os seres humanos numa situação difícil de viver, e num plano onde só Deus tem todos os meios e pleno poder para agir.

No contexto da violência doméstica, há algumas características particulares do perdão, as quais devem ser encaradas com cuidado, especialmente por aqueles que não estão diretamente envolvidos na situação. É fácil falar quando não se está vivendo a dor de ser agredido por alguém que diz que nos ama.

O perdão é pessoal. Ninguém tem o direito de exigir que o outro perdoe, nem perdoar pondo-se no lugar do outro. É uma questão individual, que não pode ser coagida nem manipulada. O perdão é resultado de um processo. Faz parte da recuperação. Quando a pessoa é agredida, precisa de tempo para se recompor das feridas físicas e emocionais. Não se deve exigir perdão até que ela esteja pronta para fazê-lo espontaneamente.

Perdoar não implica necessariamente uma reconciliação. Exigir reconciliação após o perdão é não compreender a dinâmica nas relações interpessoais afetadas pela violência.

Conceitos errados – Neste assunto, por desejo de recuperação espiritual, há erros que causam muita dor nas vítimas de violência e agressões.

Desobrigar. Alguns pretendem ser perdoados sem assumir a responsabilidade das agressões. Isso não é perdão, mas uma desobrigação. O perdão nunca é grátis. De fato, o perdão para a raça humana exigiu o sacrifício de Cristo na cruz. É uma injustiça pretender ser perdoado sem assumir as trágicas conseqüências da violência praticada.

Remorso. Há diferença entre arrependimento e remorso. Remorso é medo das represálias ou conseqüências legais pela ação realizada. Em vez disso, quem se arrepende vive de outra maneira. Restitui, como diz a Bíblia: Se roubou e se arrependeu, então devolva (Levítico 6:4). Compensa. Zaqueu compensou o dano devolvendo quatro por um (Lucas 19:8). Abandonar a conduta anterior, sentindo dor genuína pela atitude errada, é a recomendação que Jesus



deu para a mulher adúltera: “Não peques mais” (João 8:11). Finalmente, o mais difícil, a pessoa verdadeiramente arrependida entende que um ato de maldade traz sempre conseqüências, e o perdão não a livra dos resultados. É o caso do povo de Israel, que foi perdoado por Deus, mas ninguém daquela geração entrou na terra de Canaã.

Falsa espiritualidade. Alguns crêm que basta dizer “Te perdôo” que tudo estará bem. Outros até fazem apelos espirituais, achando que é necessário orar e com isso vai acontecer o milagre de curar as feridas emocionais e físicas. Ao ler a Bíblia e encontrar personagens extraordinários como Paulo, que lutaram a vida toda com situações que se prolongavam, percebemos que palavras não são suficientes; deve haver um processo de restauração que pode durar o resto da vida.

Perdão como um milagre – Com relação ao perdão, a parte mais extraordinária é que, nos casos em que não há o verdadeiro arrependimento, ou pelo menos justiça, as vítimas estão condenadas a viver uma dor permanente como conseqüência das agressões que sofreram.

Nesse contexto, o perdão é um milagre. É uma atuação divina no coração do ser humano ofendido e que oferece a paz. Além disso, fortalece a vítima para não pagar com a mesma moeda. Também é outorgado o poder de Deus contra a vingança. É oferecida paz mental para seguir em frente, e Deus outorga a cura para as lembranças tristes. Isso é um

milagre para alguém continuar vivendo quando o agressor não assume a responsabilidade de seus atos.

Conclusão – O perdão tem preço. Se um agressor pretende ser simplesmente perdoado por exigência ou porque sua vítima é uma pessoa cristã, mas não fez nada para merecer o perdão, isso é injusto e, em muitos casos, um jeito sutil para continuar abusando das vítimas.

O perdão da humanidade custou a cruz. Não há remissão de pecados sem preço. Aquele que maltrata outra pessoa física, sexual ou psicologicamente, tem que assumir as conseqüências de seu ato; caso contrário, o perdão não terá sentido nem significado.

Perdoar não é passar por alto as conseqüências das agressões. Isso é injustiça. O perdão bíblico é sempre um ato realizado num contexto de justiça. Em nenhuma parte é um ato isento de responsabilidade. Seria confundir perdão com impunidade, e não é isso que a Bíblia apresenta. O perdão é necessário para a saúde física e mental da vítima. Não se pode viver num contexto de rancor. Mas é importante entender que o perdão tem seu tempo de desenvolvimento, é pessoal e, em muitos casos, um milagre. ❖

*Os nomes dos personagens são fictícios, mas as histórias são reais.

Miguel Ángel Núñez, autor de 30 livros publicados, é doutor em Teologia e licenciado em Filosofia e Educação.

Una-se à turma do **NOSSO AMIGUINHO** contra a violência!



Cód. 9957

Cód. 9152

Adquira o DVD e CD *Eu Quero Paz*

Ninguém pode ficar parado diante da violência que existe em nosso país. A gente pode fazer alguma coisa. Neste DVD e CD “**Eu quero paz**”, fizemos questão de mostrar que ser contra a violência é a melhor forma de conseguir a paz. Una-se a nós. No **DVD** você vai encontrar 10 clipes da turminha, vai ver o *making of* do vídeo e aprender a desenhar o Noguinho. No **CD** você vai ter as 10 músicas do DVD para ouvir, e os *playbacks* para você cantar e se divertir.

Para adquirir

Ligue: 0800-9790606*,
acesse: www.cpb.com.br, faça seu
pedido no SELS ou dirija-se a uma
das Lojas da CASA.

* Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



Adolescente realizava projeto em abrigo para idosos

Acena não era exatamente o que uma criança chamaria de agradável. Não foi feita para isso. Em 2008, no Asilo de Mendigos de Pelotas, a 250 km da capital gaúcha, moravam 110 idosos, cuja idade variava de 62 a 101 anos. Eram pessoas carentes que viviam no local com a ajuda de entidades filantrópicas e, algumas, com dinheiro enviado pelos filhos.

A sensação de abandono comoveu a garota Andressa, que, com apenas nove anos, viu o asilo por onde passava, de ônibus, todos os dias. “Numa parada, os velhinhos me acenaram com a mão e eu desci para conhecê-los. Foi triste ver como eram carentes, sem ninguém por eles”, disse a adolescente, que completaria 15 anos em agosto de 2008, mas, no dia 22 de março, morreria num acidente de carro.

Embora envergonhada, Andressa Barragana resolveu pedir à direção do abrigo autorização para visitar os velhinhos e ensinar a Bíblia, como fazia com o grupo de crianças em sua casa. O método que ela considerava adulto não funcionou direito. Ela explicou: “Falei da Bíblia de forma séria e simples, mas percebi que eles não me entendiam. Então voltei com livros de histórias infantis e gravuras. Ai, sim, entenderam a mensagem.”

A rotina era a mesma. Por volta das duas da tarde, toda terça-feira, ela arrumava seus materiais, chamava uma dupla de amigos para acompanhá-la e se envolver no projeto e seguia até o asilo, onde fez amigos e conseguiu o batismo de duas pessoas. Quando indagada sobre a diferença de idade, ela logo se adiantava: “Não dizem que jovem vai até os cem anos? Então, eles não são velhos, não. É preciso ver a animação com que pulam”, comentou a garota, referindo-se às brincadeiras de roda que implantou no lugar, o que rendeu até um casamento.

Mulheres e homens moravam em blocos separados e raramente se encontravam até que Andressa trouxe CDs com músicas em ritmo de marcha para ensinar cantigas a todos. Na multidão que se formou no pátio, dois velhinhos

se conheceram e casaram. Andressa só lamentou o fato de eles não poderem realizar o sonho de morar juntos, fora do Asilo. “Os filhos é que recebem a aposentadoria e não querem autorizar os pais a sair do abrigo. Sofro com as histórias deles, mas também tenho alegria de aprender bastante. Muitos, infelizmente, já morreram, mas outros nasceram para Cristo”, ela disse emocionada.

Para a psicóloga Marisa Lill, a relação entre a jovem e os idosos levava benefícios a todos. “Os mais velhos percebem a necessidade que o outro tem de suas experiências, sentem que seu conhecimento é valorizado pelo simples fato de uma criança parar suas atividades e gastar tempo com eles. Por outro lado, a criança tem sua presença valorizada também e percebe os limites da vida, o potencial do ser humano em cada fase”, explicou a especialista. Para Marisa, a percepção é latente, são valores assimilados que aflorarão em determinada época da vida e trarão lucro para a formação da pessoa. Isso sem falar no contato com a alegria e curiosidade dos mais jovens, o que contribui para reavivar o cotidiano dos idosos.

Durante cinco anos, Andressa foi figura constante no ambiente que destoava de sua juventude e agilidade, mas ela garantiu que a interação com os mais velhos foi uma lição de vida que ninguém mais poderia arrancar dela. “Aqui aprendi que não há diferença em pregar para crianças, jovens, ou idosos. A mensagem atrai todos. Jesus fazia isso, ensinava a todos, independentemente da idade”, enfatizou a adolescente que não tinha planos de parar com o projeto.

“O conhecimento de que ela era mais veloz para algumas coisas que os velhinhos tinham dificuldade em realizar, mas que ela, em contrapartida, tinha muito que viver para chegar ao nível de conhecimento e maturidade deles, fazia dela uma pessoa mais sociável e ciente dos limites”, observou a psicóloga. ❖

Fabiana Bertotti é jornalista.



Revistas **Nosso Amiguinho** e **Nosso Amiguinho Júnior.** Divertindo e ensinando crianças de todas as idades.



Assine
hoje

Nosso Amiguinho é para crianças de todas as idades. Possui histórias, curiosidades, passatempos, recortar e armar e muito mais. Traz atividades que ajudam as crianças no aprendizado, auxiliam nos estudos e trabalhos escolares e aumentam o interesse pela leitura, de uma maneira muito divertida e cativante.

Cód. 5767

Nosso Amiguinho Júnior com atividades voltadas para crianças de 3 a 6 anos. São jogos, passatempos, recortar e armar, histórias, figuras para colorir, entre outras atividades preparadas especialmente para desenvolver a coordenação motora e auxiliar no aprendizado da criança.

Cód. 8322

Você merece



Com *Vida e Saúde* você vai ter:

- Notícias sobre o que acontece no mundo da saúde.
- Mensagens de motivação que são verdadeiras receitas de felicidade.
- Matérias sobre estilo de vida que orientam de forma preventiva.
- Consultores que respondem suas perguntas sobre nutrição, pediatria e psicologia, entre outros assuntos.
- Orientações sobre tratamentos naturais simples, seguros e eficazes.
- Seções sobre estética, ginástica, relacionamento, alimentação e muito mais.
- Receitas saudáveis dentro do regime ovolactovegetariano.

Revista com
52 páginas em cores.
Papel Couché
Formato: 20,6 x 27 cm
Periodicidade: Mensal

Assine
Hoje!

Corpo e mente saudáveis são sinônimos de uma vida Feliz. Mas para ter bem-estar, você precisa de algo indispensável: Atitude!

Não perca tempo! Assine hoje mesmo a revista *Vida e Saúde* e garanta uma vida mais longa e feliz. Para você e para quem você ama.



Para adquirir ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br,
faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das lojas da CASA.



Amor, tolerância, **paciência** e respeito
constituem a receita para uma **família sólida**,
pacífica e acolhedora. Ao Estado compete
o cumprimento das leis que visam à
proteção da criança, da mulher e do idoso.
Só assim haverá a **paz** com que
todos nós sonhamos.

Paz para um mundo melhor.

